



## A DICOTOMIA SUJEITO/OBJETO COMO SILÊNCIADORA DO COLONIZADO NO CONTO *THE HILLS* (1987), DE PATRICIA GRACE

Sarah Caroline Alves Anselmo (FECILCAM) sarinhaalvesanselmo@hotmail.com  
Érica Fernandes Alves (Orientadora - FECILCAM) leka\_erica@hotmail.com

**RESUMO:** Este trabalho propõe uma análise da dicotomia sujeito/objeto como silenciadora do colonizado presente no conto *The Hills*, de Patricia Grace, tendo em vista o racismo como estratégia de dominação e marginalização. No conto, a autora vai tratar da infância e do cotidiano da Nova Zelândia, país que foi colônia do Reino Unido e tornou-se independente na década de 1970, bem como do preconceito sofrido pelos negros neozelandeses, tema maior da obra. A história trata de um jovem negro, que perde a sua pureza e inocência, típicas da sua idade, ao ser abusado sexualmente por autoridades que deveriam protegê-lo. A metodologia de pesquisa baseia-se nas teorias de racismo e objetificação, desenvolvidas por Fanon, Ashcroft, Bhabha, dentre outros. Os resultados mostram que embora o conto tenha sido escrito recentemente, os resquícios da colonização ainda são muito fortes. Esses resíduos afetam o sujeito que é rebaixado ao *status* de objeto através do racismo e é silenciado pela relação estabelecida através da dicotomia sujeito/objeto, o que evidencia que mesmo diante da tentativa de fala o outro continua a não ser ouvido. Ademais, a violência infligida ao sujeito negro altera sua visão de mundo completamente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Racismo, dicotomia, silêncio.

### 1. INTRODUÇÃO

Nos últimos vinte anos a literatura e crítica pós-colonial tem sido reproduzida e aceita com mais facilidade no meio literário. Porém, ainda existem aqueles que indagam a respeito dessa literatura discordando de sua contribuição e importância para o cenário cultural mundial.

Mesmo com esse pouco, mas crescente reconhecimento, a literatura e a crítica colonial surgem com a importante ideologia de expor por meio do texto literário sobre muitos problemas sofridos pelas ex-colônias e os resquícios desses problemas nos dias de hoje.

A teoria pós-colonial tem como uma de suas bases a relação entre o discurso e o poder. É pelo discurso que os grupos dominantes perpetuam o seu poder. Segundo Michel Foucault (1996) o discurso oral ou escrito não pode ser desvinculado

do período em que foi escrito. Assim o discurso está intimamente ligado com as práticas culturais da época em que foi elaborado.

É pelo discurso que a marginalização do outro acontece, pois aquele que não se enquadra nos padrões do discurso dominante é considerado inferior e é relegado à condição de objeto e à margens da sociedade.

Durante muito tempo, gerações de europeus se convenciam de que eram superiores às populações das colônias, se colocando em uma posição de sujeito e ditando as regras perante o que lhes convinham.

Bonnici (2003) considera que os discursos produzidos dentro de um contexto de luta e poder – e de fato é dentro do contexto político, cultural e científico – que o discurso se perpetua havendo então somente o discurso dos mais poderosos e o apagamento do discurso dos mais fracos.

Construído há muito tempo e firmado durante muito mais tempo, o conceito de superioridade do branco sobre o não branco se perpetua até os dias de hoje, contribuindo para a marginalização do colonizado o colocando muitas vezes fora das esferas culturais, políticas e econômicas.

Vendo a necessidade de se falar sobre essa marginalização do colonizado, surge a teoria pós-colonial, que tenta desmistificar esse conceito preconceituoso de superioridade do branco sobre o não branco que tende a outremizar o colonizado deixando-o em uma condição de subalterno.

Segundo Bonnici (2009) a crítica pós-colonial vê, no contexto atual, uma alternativa para compreender o imperialismo e suas influências dentro do âmbito mundial ou em menos grau como fenômeno local. Essa alternativa de análise questiona as relações entre cultura e poder a fim de dar voz ao marginalizado e oprimido pelo fenômeno imperial eurocêntrico.

Deste modo, pela perspectiva da crítica pós-colonial, propomos uma análise do conto *The Hills* fazendo uma ponte com os dias de hoje a fim de mostrar como se reflete no conto, que é atual, o preconceito na sociedade contemporânea e como esse preconceito outremiza o colonizado configurando assim, uma relação de sujeito/objeto.

## **2. O PÓS – COLONIALISMO E A LITERATURA**

O pós – colonialismo surgiu a partir do século XX com o surgimento das colônias européias e da imposição da cultura européia nessas colônias, negando o direito dos negros e descendentes. A literatura pós-colonial representa eventos de povos que foram colonizados e cria uma estética a partir do oprimido. Essa literatura

tem a função de falar de como a cultura, costumes, religião desses povos foram suprimidos pelo colonialismo europeu que impôs sua cultura e forma branca de pensamento.

É exatamente a experiência da supressão de sua cultura e da eliminação de suas identidades que integra o conteúdo das narrativas de povos pós-coloniais. Quando herdamos essa realidade, eles criam obras literárias que resistiram aos valores historicamente construídos pelos colonizadores e fornecem uma visão diferente e alternativa do mundo. (BONNICI 2005, p.11)

O branco impôs ao não branco sua forma de pensamento, cultura, religião e poder, deixando assim hifenizada a cultura e crença que fosse diferente do conceito ideal do europeu.

Depois da Segunda Guerra Mundial começou a emergir em grande parte das colônias, uma onda de literatura escrita...pelos nativos nas línguas do colonizador. Nasce então, nessas colônias, uma literatura própria escrita na língua do colonizador. *Things Fall Apart* (1958), do autor nigeriano Chinua Achebe, é um exemplo de literatura oriunda desse contexto e que é escrita em língua inglesa com a presença de termos típicos da língua do colonizado. Segundo Bonnici (2005, p. 11) “As literaturas pós-coloniais emergiram conforme o grau de desenvolvimento da consciência nacional”.

Sobre a conceptualização dessa literatura, Bonnici (2009, p. 267) afirma que: “podemos definir a literatura pós-colonial como toda a literatura, inserida no contexto de cultura”. Ashcroft (1991, p.2) “afetada pelo processo imperial, desde o primeiro momento da colonização europeia até o presente” (ASHCROFT et al., 1991, p. 2). Então, podemos afirmar que, a literatura pós-colonial é justamente a literatura das colônias e que visa mostrar o contexto da colonização bem como os problemas dessa colonização até a atualidade.

A fim de simplificar o entendimento da formação da literatura pós-colonial Bonnici (2009, p. 267) propõe um quadro que mostra como ocorreu esse processo:

Experiência da colonização	Tensão com o poder colonial	Literatura pós-colonial
	Diferenças com os pressupostos do centro imperial	

Quadro 7. A formação da literatura pós-colonial

Bonnici (2009, p. 267)

Nesse modelo conseguimos entender de forma simples como ocorreu o surgimento da literatura pós-colonial.

Os estudos coloniais interessam-se pela história de grupos subalternos, necessariamente fragmentária, já que sempre está submetida à hegemonia da classe dominante, sujeito da história oficial. (BONNICI 2009, p. 265)

A emergência da literatura pós-colonial se desenvolveu em três etapas de conscientização da nação e em ser diferente da literatura imperial.

A primeira etapa envolve as literaturas desenvolvidas por representantes do poder colonial. Esses textos tendem a descrever a fauna, os costumes a língua nativa entre outros fatores próprios do colonizado. Essa literatura visa mostrar e privilegiar o centro e menosprezar a periferia. A descrição do ambiente esconde o discurso imperial.

A segunda etapa mostra uma literatura escrita sob a supervisão do colonizador por nativos que receberam educação na metrópole, e por isso se sentem gratos de poder escrever.

Enfim, a terceira etapa abarca um emaranhado de textos que partem de uma diferença, uma ruptura com a metrópole. Nesse momento começa a nascer uma literatura própria do nativo que tende a romper com os costumes europeus para escrever sua própria literatura. Isso acontece, é claro, na língua do colonizador, mas com um propósito diferente de antes. Segundo Bonnici (2009, p. 14) "Evidentemente, essas literaturas dependiam da ab-rogação do poder restritivo e da apropriação da linguagem/escrita para fins diferentes daqueles para os quais outrora foram usados".

É desse terceiro momento que nasce a literatura pós-colonial por meio do qual estudamos a influência do colonizador sobre o colonizado e como essa influencia marginaliza o não branco. Essa literatura vem como uma voz de revide que denuncia e muitas vezes, como no caso do romance *Things Fall Apart* (1958), ridiculariza o colonizador.

### **3. A DICOTOMIA SUJEITO – OBJETO**

A relação sujeito-objeto surge dentro da literatura pós-colonial como uma condição de poder que o colonizador exerce sobre o colonizado o sentenciando a viver à margem da sociedade, colocando-o em uma condição de subalterno. Essa opressão ocorre pelo discurso imperialista do senhor que utiliza de binarismo, uma distinção entre oposições que determina certo e errado e que coloca o branco como

detentor do saber, civilizado, inteligente, cristão e o não branco como incapaz, não civilizado, sem inteligência e pagão (Bonnici 2005), e nega o direito de fala e oprime o não branco. A partir daí Bonnici, (2009, p. 16) define como *essa* esse processo ocorre: “A opressão, o silêncio e a repressão das sociedades pós-coloniais decorrem de uma ideologia do sujeito”.

Segundo Ashcroft (1998, p. 219) a relação sujeito – objeto é definida como: “A questão do sujeito e da subjetividade afeta diretamente os povos colonizados, as percepções de suas identidades e as suas capacidades para resistir às condições de sua dominação, a sua "sujeição”

Logo, sabemos que é pela linguagem e pelo discurso ideológico de supremacia branca que coloca o não branco como objeto, transformando essa relação entre colonizador e colonizado no que chamamos de dicotomia sujeito – objeto.

A classe dominadora não domina apenas, mas fabrica as idéias através das quais ela determina como a sociedade deve se ver. O sujeito, então, nasce dentro de uma ideologia. Ele aceita essa ideologia porque é a única disponível e é aceita pela família e pela sociedade em que vive, lhe dá identidade através da linguagem, convenções e códigos sociais. De fato, os sujeitos são todos coniventes com essa ideologia. (BONNICI, 2005 p. 52)

Essa relação define como será construída a identidade do objeto perante a sociedade, comumente branca e europeia, e como essa identidade será perpetuada durante os tempos até chegar à atualidade que vemos no conto.

Ashcroft fala que a linguagem constrói da ideologia o conceito de supremacia sobre o não branco o tornando objeto.

The concept of subjectivity problematizes the simple relationship between the individual and language, replacing human nature with the concept of the production of the human subject through ideology, discourse or language. These are seen as determining factors in the construction of individual identity, which itself becomes an effect rather than a cause of such factors (ASHCROFT 1998, p. 220)

Segundo Bonnici (2009) o termo subalterno é usado para descrever o colonizado-objeto. Esse termo foi usado primeiramente na obra de Antonio Gramsci (1891-1937) intitulada *Note sulla storia italiana* (1935) e “refere-se a pessoas na sociedade que são o objeto da hegemonia das classes dominantes” (BONNICI, 2009, p. 265).

## 2.1 O SILÊNCIO E O RECUPERAÇÃO A VOZ

Tudo que o colonizado tinha de sua própria cultura foi suprido pelo branco., pois em um processo de embranquecimento, o europeu impôs ao nativo sua língua, sua cultura, seus costumes. Assim, da necessidade de se fazer ouvir, o colonizado encontra meios de usar dessa imposição de regras para resistir à opressão.

A língua torna-se um meio através do qual uma estrutura hierárquica de poder se perpetua e pelo qual os conceitos de 'verdade', 'ordem', e 'realidade' se estabelecem. Esse poder é rejeitado quando emerge uma voz efetiva pós-colonial (ASHCROFT ET AL., 1991, p. 90)

Diante da condição de subalterno-objeto que o colonizado foi relegado, o sujeito colonizador tira o direito à voz e torna o subalterno em uma pessoa muda, Spivak (1995, p.28) diz que “o sujeito *subalterno* não tem nenhum espaço a partir do qual ele possa falar”. Bhabha (1998) diz que o subalterno pode ter a fala recuperada através da mímica, paródia e da cortesia astuciosa, que ameaçam a autoridade do colonizador.

Diante disso, Bonnici (2009, p. 266) propõe um quadro que mostra como o silêncio é configurado:

1. <i>Subalterno</i> : literalmente significando “sujeito de categoria inferior”, o termo foi criado por Gramsci; trata-se de qualquer sujeito sob a hegemonia das classes dominantes.
2. Em termos pós-coloniais, <i>os estudos subalternos</i> se referem à análise da subordinação na sociedade devido à classe, casta, idade, gênero, profissão, religião e outros.
3. O fator mais constante nos estudos subalternos são os métodos de <i>resistência</i> adotados contra o colonizador ou a elite dominadora.
4. <i>Pode o subalterno falar?</i> É a pergunta mais importante.
5. Em sociedade pós-coloniais, a <i>mulher</i> é duplamente subalterna: ela é o objeto da historiografia colonialista e da construção do gênero.
6. O <i>discurso pós-colonial</i> e a <i>apropriação da linguagem</i> pelo subalterno constituem métodos para que a voz marginalizada possa ser ouvida.

Quadro 5. O subalterno e sua voz

Bonnici (2009, p. 266)

O uso da língua do colonizador pelo colonizado acontece em um momento de revidade à metrópole. Ele a usa de uma maneira diferente, a fim de desmistificar a cultura imposta pela metrópole ao nativo.

A oratura e o uso subversivo do língua inglesa são duas maneiras pelas quais a ex-colônia pode retrucar à metrópole. O escritor pós-colonial adota a língua colonial às necessidades locais, construindo-a num veículo lingüístico totalmente diferente. (BONNICI 2005, p. 39)

A língua do colono é usada para dar voz ao objeto, que utiliza da linguagem para se fazer notar e revidar todos os sofrimentos impostos pelo sujeito colonizador. Desse modo, conseguimos ouvir o outro, mesmo que sua fala não se efetive em ação.

### **3. PARICIA GRACE E SUA FORTUNA LITERÁRIA:**

Patricia Grace nasceu na cidade de Wellington, Nova Zelândia no ano de 1937. Gradou-se com diploma de ensino na universidade de Victoria. Começou a escrever para competições em jornais e revistas, antes de entrar para um clube chamado: *Penwoman's Club* na cidade de Auckland.

Publicou seu primeiro livro de contos em 1975. Em 1978 publicou seu primeiro romance *Mutuwhenua*, que a colocou como *status* primeira mulher maori a publicar um romance, esse entrou para a secessão de livros de ficção do *New Book Awards Zelândia*.

Em 2001, ganhou o *Booker Prizer*, um dos maiores prêmios da literatura, com o livro *Dogside Story*, e ficou por um longo tempo na lista de livros mais célebres já cotados para o *Booker Prizer*.

Em 1987 escreveu um livro de contos chamado *The Electric City and Other Stories*, que conta com uma série de histórias sobre o cotidiano da vida maori e sobre infância. *The Hills* encontra-se dentro desse livro e também conta com a temática da infância e cotidiano maori além de também abordar o preconceito racial.

Patricia Grace discute temas pertinentes à literatura pós-colonial, retomando em seus textos a cultura maori, o preconceito fruto da colonização europeia, a diáspora de povos e os problemas sociais que ela acarreta.

Continua escrevendo e atua ativamente na comunidade literária da Nova Zelândia, participando de eventos literários além de ser membro do Conselho de Livros Literários da Nova Zelândia. Patricia vive em Plimmerton em sua terra natal de Ngāti Toa.

A obra que se pretende analisar, á luz da teoria pós-colonial, tem por título *The Hills* (1987), e trata do cotidiano de um menino que está em uma fase de transição da infância para a adolescência e aparenta não sabe como se portar quando a isso.

Em razão de uma comemoração de final de aula, o garoto e seus amigos vão a um bar se divertir, porém diferente de todos os outros dias ele sente que a abordagem de revista, costumeira, do policial dessa vez estava diferente.

As autoridades levam o menino até um local para 'interroga-lo' e abusam sexualmente dele. Nesse momento descobrimos que o menino é de origem negra e esse é o motivo pelo qual os policiais o torturam e estupram.

O garoto não conta para ninguém o que aconteceu; mente para sua mãe e fala que os machucados são de uma queda. Mas sua visão de mundo não é a mesma depois do acontecido, pois ele nunca mais olha para as montanhas como antes, com olhar infantil, como se elas trouxessem um presente para ele. Nesse momento o menino perde a fé no mundo e se torna homem.

## **5. THE HILLS (1987): ANÁLISE DA OBRA**

Em um primeiro momento, quando começamos a ler a obra pensamos que se trata de um conto infantil e que irá abordar temas propriamente da infância, pois o menino possui um olhar fantástico do mundo, puro, como de uma criança.

Eu gosto de chegar ao topo da estrada e olhar para fora e ver a névoa a baixo sobre as colinas. É como um pacote embrulhado e você sabe que há algo de bom dentro. Eu gosto de engraçado. Quando alguém diz algo que eu sou engraçado é bom, porque eu gosto de fazer as pessoas rirem, e eu gosto de rir também. Um homem engraçado, sou eu. (GRACE, 1987)

No decorrer da trama vemos, que o menino está em uma fase de transição não somente de idade, mas também comemora sua passagem de ano, que uma série escolar para outra mais avançada. Para diversão, ele sai com os amigos e vão até um bar, onde menores não podem entrar. Eles são abordados por policiais, nada fora do costume, porém esse dia o menino sentia algo diferente, "Eu superei o tapa no meu rosto, então, apenas pensei que era o mesmo jogo, só mais áspero do que o habitual"(GRACE, 1987).

Segundo Bonnici (2009), o colonizador usa da linguagem de superioridade para dominar o colonizado. Estabelece uma relação de binarismo, em que o colonizado, pode diante do discurso do branco, sofrer qualquer forma de outremização já que ele não pertence à casta superior branca.



Nas sociedades pós-coloniais, o sujeito e o objeto pertencem a uma hierarquia em que o oprimido é fixado pela superioridade moral do dominador. O colonizador, seja espanhol, português, inglês, se impõe como poderoso, civilizado, culto, forte, versado na ciência e na literatura. Por outro lado o colonizado é descrito constantemente como sem roupa, sem religião, sem lar, sem tecnologia, ou seja, em nível bestial. (BONNICI, 2009, 212)

Até o momento não conseguimos entender porque os policiais tratam o menino de forma diferente dos outros garotos e diferente dos outros dias. Quando vemos que ele está sendo espancado por ser negro fica visível o racismo por parte das autoridades.

Eles me derrubaram, a partir de então eu não me sinto muito bem. "Cale sua cara preta", disse um deles. 'Você vai saber em breve.' Bem, alguns são educados e alguns não são, apesar de serem em sua maioria, todos jogam o mesmo jogo. "Linguagem abusiva", o outro disse: 'e resistência à prisão.' Eu estava bêbado o suficiente para dizer: "Eu pensei que era porque éramos menores de idade bebendo." Isso também ", disseram eles. E então eu estava bêbado o suficiente para dizer que de qualquer maneira, que eles estavam sendo abusivos ao dizer-me para calar minha cara preta. (GRACE, 1987)

Nesse momento compreendemos a visível relação estabelecida pelos policiais que coloca o menino como objeto outremizado, marginalizado, fruto do preconceito racial e os policiais como sujeitos da ação outremizadora.

Essa relação de sujeito – objeto é possível de ser estabelecida quando o branco coloca o não branco em uma condição de subalterno, e pela condição já estabelecida historicamente de supremacia branca que por ser exclusivamente branca tem direito a participar ativamente na sociedade, enquanto o negro, mulher, não possuem esse direito já que pela questão binária são menores, menos capazes.

Quando o menino tenta sair da condição de objeto, e retoma sua voz, ele é oprimido novamente, então volta à condição de objeto marginalizado. Essa condição de sujeito – objeto determina a falta de voz do menino e a marginalização deste. Ele pode ter tido o esforço de agir contra a violência do imperador, porém ele é objetificado novamente e volta à condição anterior.

Sartre discursa sobre a construção do ser como sujeito em relação ao outro e, portanto, enfatiza a característica da reciprocidade. Através da percepção do próprio ser-objeto para o Outro deve-se compreender a presença do ser-sujeito dele, afirma Sartre (1997). Essa reciprocidade permite as relações mútuas entre o ser e o outro. Ambos podem voluntariamente ter a função de objeto para o Outro. Nas sociedades pós coloniais, porém, o sujeito e o objeto pertencem inexoravelmente a uma hierarquia em que o oprimido é fixado pela superioridade moral do dominador. (BONNICI, 2005. p, 17)

O motivo dado para tal brutalidade praticada pelos policiais até o momento era linguagem abusiva, ingestão de bebida alcoólica por menor, porém mais no decorrer da leitura, conseguimos compreender no texto o verdadeiro motivo do garoto ser objetificado, o garoto é negro.

A revelação aconteceu por mais uma tentativa, falha, de recuperação da voz do subalterno. O menino insiste em saber por que ele estava sofrendo daquela maneira, e os policiais revelam o motivo:

E então eu estava bêbado o suficiente para dizer que de qualquer maneira, que eles estavam sendo abusivos ao dizer-me para calar minha cara preta.. 'Por quê?', Eu disse. 'Você tem um cara preta, não é mesmo? Você é negro, não é?' 'Bem, ele me pegou. Se eu falasse que eu era marrom era como negar a negritude, como dizer que meio branco e meio preto. "Não é um crime, não é?" Eu perguntei. 'Mas eu dizendo que você é preto então não é ofensa, não é? ', Disse ele de maneira perspicaz. (GRACE, 1987)

Nesse momento quando o garoto questiona o motivo de toda aquela agressão, e lhe é dada a verdade, ele ainda questiona se ser negro é uma ofensa, e o que recebe, é uma 'espécie de pergunta – resposta' lhe evidenciando que falar que ele é negro e por isso ofender, agredir é justificável.

O ápice da objetificação acontece quando os policiais, quem deveria cuidar da segurança da população, abusam sexualmente do menino, levando seu 'poder' imperial ao extremismo, usando da violência para marginalizar seu objeto.

Então, de repente fui jogado em um banco, minhas calças foram puxados para baixo e eu revistado por trás. Isso é o que eu quis dizer. Quando algo assim acontece, você não pode ser mais o mesmo de antes. Eu disse 'revistado', mas eu não sabia na época que o que eles estavam fazendo era estupro. (GRACE, 1987)

Segundo Bonnici (2005, p. 18), "A violência (o desmembramento do sujeito) é seguida pela fragmentação e pela reconstrução do vazio a partir do qual as culturas são liberadas da dialética destrutiva da história".

Depois do que aconteceu, o menino não consegue olhar o mundo da mesma maneira como antes. Quando acontece o processo de outremização o garoto muda sua maneira de ver o mundo e de como se portar nele.

Mais tarde naquele dia eu fui lá fora e caminhei até a rua, e quando cheguei ao topo da estrada, eu não queria olhar para as colinas. As colinas poderiam estar claras, ou a neblina poderia estar baixa ou eu

que poderia ter sido mudado. Virei-me e voltei para casa. Lembro-me de ter dito que nunca iria olhar para lá novamente. (GRACE, 1987)

Diante disso, é pertinente considerar quando Bonnici (2005, p. 18) argumenta que, “O hibridismo pós-colonial com sua subversão da autoridade e a implosão do centro imperial, constrói o novo sujeito pós – colonial”. É o mesmo que acontece com o menino do conto *The Hills*. Ele tem seu universo mudado forçadamente pelo colonizador por meio da violência física e psicológica. O garoto tem sua visão desnuda a respeito da esperança que pudera ter do mundo, se transforma em homem e não consegue ter mais esperança na humanidade.

É pelo racismo e pela supremacia do branco que a relação sujeito-objeto nasce. Depois que essa relação é estabelecida, toda e qualquer violência é justificável pois para o sujeito racista, manter a ideia de superioridade européia dentro da sociedade é manter seu status de ‘imperador’ sobre o não-branco.

## 5.1 A SIMBOLOGIA DA MONTANHA

As montanhas são algo totalmente simbólico no conto, e elas parte do entendimento da obra, pois a visão que o personagem tem antes de ser mudado é de esperança, de algo bom que elas pudessem lhe trazer.

Eu gosto de chegar ao topo da estrada e olhar para fora e ver a névoa a baixo sobre as colinas. É como um pacote embrulhado e você sabe que há algo de bom dentro. Eu gosto de engraçado. Quando alguém diz algo que eu sou engraçado é bom, porque eu gosto de fazer as pessoas rirem, e eu gosto de rir também. Um homem engraçado, sou eu. (GRACE, 1987)

Quando ele sofre a violência do estupro, passa por uma drástica transição, passa de menino para homem e, sem esperança no mundo, ele não se ‘atreve’ a olhar novamente para as montanhas que antes lhe eram tão convidativas a acreditar em um mundo melhor, ter esperança no homem.

A montanha é um simbolo de segurança, e o menino no conto tem a visão da montanha como segurança de um mundo bom, cheio de surpresas boas. Segundo CHEVALIER e GHEERBRANT (2002, p. 617), “O simbolo mitológico da montanha primordial ou cósmica encontra certo eco no Antigo Testamento. As altas montanhas lembram fortalezas, são simbolos de segurança”.

Diante disso percebemos que a segurança que o menino tinha acabou, pois ao final do conto ele não consegue mais olhar para as montanhas, pois não acredita mais ter segurança, estar livre da maldade humana.

Mais tarde naquele dia eu fui lá fora e caminhei até a rua, e quando cheguei ao topo da estrada, eu não queria olhar para as colinas. As colinas poderiam estar claras, ou a neblina poderia estar baixa ou eu que poderia ter sido mudado. Virei-me e voltei para casa. Lembro-me de ter dito que nunca iria olhar para lá novamente. (GRACE, 1987)

É pela violência que o garoto perde toda crença no homem, se torna adulto e deixa de acreditar na bondade do outro. A objetificação que ele sofre por ser negro desnuda a esperança que ele tinha no mundo e ele passa a encarar as coisas com mais ceticismo.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante, ao analisarmos tal obra, não esquecer que a análise pós-colonial se embasa em textos que refletem a outremização do subalterno, praticada pelo sujeito branco, homem, europeu.

A análise do conto parte de uma visão de relacionar a narrativa com a realidade social que vivemos a fim de mostrar como o conto é atual e como reflete o que vemos, ainda hoje, na nossa sociedade.

Assim, pelo silenciamento do subalterno sofre as violências psicológicas e até mesmo físicas praticada pelo sujeito dominante. Essa violência acontece pela relação estabelecida justamente pelo sujeito imperial, relação esta chamada de sujeito-objeto.

Verificamos então, que mesmo o menino tentando retomar sua voz, essa lhe é negada e suprimida pelo colonizador que justifica seus atos pelo simples fato de o garoto ser negro, retomando assim a relação binária

Deste modo é visível como a negação da fala, através da relação sujeito-objeto, marginaliza o colonizado, e mesmo diante da tentativa de retomada de fala pelo subalterno, essa relação, retomada pelo colonizador, tem o poder de voltar a silenciar e objetificar o outro, deixando-o passível de qualquer violência por parte do sujeito.

## REFERÊNCIAS:

ASHCROFT, B. et. al. **Key Concepts in Post-Colonial Studies**, London: Routledge, 1998.

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia (Org.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: EDUEM, 2009.

\_\_\_\_\_. **Conceitos-Chave da Teoria Pós-Colonial**. Maringá: Eduem, 2005.

\_\_\_\_\_ **O pós-colonialismo e a Literatura: aspectos de teoria pós-colonial.** Maringá: EDUEM, 2000.

CHEVALIER e GHEERBRANT. **Dicionário de Símbolos.** 26ª ed. - Rio de Janeiro: J. Olympio, 2002.

FOUCAULT , M. **A ordem do discurso.** 2 ed., São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GRACE, Patricia. **Electric City and Other Stories: The Hills.** Auckland, Penguin, 1987.

SPIVAK, G. C. Can the subaltern speak? In: ASHCROFT, B.; GRIFFITHS, G.; TIFFIN, H. (org). **The post-colonial studies reader.** London: Routledge, 1995, p. 24-28